

CÂNCER

Brasil deve ter 600 mil novos casos até dezembro

TIPOS - No Pará, os mais comuns são os de mama, de pele e de colo do útero



Luís Werneck explica que doença é causada por fatores comportamentais, ambientais e genômicos

FABYO CRUZ
DA REDAÇÃO

Hoje é Dia Mundial de Combate ao Câncer, uma iniciativa global que, além de aumentar a conscientização sobre a doença, estimula governos e indivíduos a se mobilizarem pelo controle da enfermidade. No Pará, os três tipos mais comuns, considerando os três últimos anos, são: câncer de mama, com 1.826 casos; câncer de pele, com 1.480 casos; e câncer de colo do útero, com 1.415 casos, segundo dados da Secretaria de Estado de Saúde Pública (Sespa).

Um estudo do Instituto Nacional

do Câncer (Inca) estima que haverá aproximadamente 600 mil novos casos neste ano, no Brasil, sendo 295.200 em homens e 300.800 em mulheres. A doença é causada por fatores comportamentais, ambientais e genômicos, explica o vice-presidente da Sociedade Brasileira de Cancerologia (SBC), Luís Eduardo Werneck. “Temos maiores índices de casos de câncer de pulmão porque as pessoas estão fumando mais, principalmente as mulheres, devido a diversos fatores ligados ao estresse e obrigações, entre eles a dupla jornada de trabalho. Isso é um fator comportamental”.

O médico afirma que o com-

portamento nocivo pode provocar, em 2040, o surgimento do dobro do número atual de casos de câncer no pulmão. Em relação aos cânceres ligados a vírus - como o vírus do HPV -, diretamente ligados ao câncer de colo do útero e ao câncer de boca, o vice-presidente da SBC alerta que eles devem mais do que duplicar nos próximos 20 anos. “Cada vez mais homens e mulheres iniciam a vida sexual de forma precoce e desprotegida. No Pará, por exemplo, há casos de meninas de 10 anos grávidas em algumas regiões, um completo absurdo, que influencia no aumento do número de casos”.

Detecção precoce é importante

Luís Werneck acredita, a partir de estudos da área, que no próximo ano o câncer ultrapassará as doenças cardiovasculares, tornando-se a primeira causa de morte por patologias no mundo. “No ano seguinte (2023) devemos ter um pouco mais de 700 mil casos de câncer, ou seja, é um número maior do que as mortes por covid-19 já registradas. É um número muito preocupante e requer atenção das autoridades”.

Obesidade, sedentarismo, tabagismo e uso abusivo de álcool são responsáveis por aproximadamente 30% dos cânceres em países desenvolvidos. “Nós estamos comendo mais e pior. A qualidade dos alimentos que ingerimos é muito pior do que a nossa geração precedente ingeria. Nós não nos alimentamos com o alface da horta dos nossos avós, por exemplo. Hoje nos alimentamos de alface industrializada,

comidas refinadas mais focadas em carboidratos e açúcares, que incidem no aumento das doenças de câncer de estômago e intestino”, afirma o médico.

Prevenção e detecção precoce são primordiais, principalmente porque 85% dos cânceres são considerados potencialmente evitáveis. “Estudos da Organização Mundial da Saúde (OMS) evidenciam que uma dieta balanceada, desde a infância, à base de frutas, legumes e grãos integrais, por exemplo, pode prevenir metade das mortes por doenças cardiovasculares e 1/3 das causas por câncer”, diz Werneck.

TRATAMENTOS

De acordo com a Sespa, são disponibilizados 40 serviços de referência para diagnóstico e tratamento de câncer de colo

do útero e mama nas 13 regiões de saúde do Estado: Hospital Regional Abelardo Santos, Hospital Ophir Loyola, Policlínica Metropolitana, Fundação Santa Casa e Unidade de Referência Especializada Materno-Infantil e Adolescente (Belém); e nos hospitais regionais - Público do Marajó (Breves); Público Materno-Infantil de Barcarena; Baixo Tocantins Santa Rosa (Abaetetuba), Público do Leste do Pará (Paragominas); Baixo Amazonas (Santarém), Público da Transamazônica (Altamira); Público do Araguaia, (Redenção), Público dos Caetés (Capanema), Regional de Tucuruí e Hospital Geral de Tailândia, Conceição do Araguaia.

A referência para os homens é o Hospital Abelardo Santos, para cânceres de próstata e pênis, e a Policlínica Metropolitana, para cânceres de estômago, cólon e reto.

EXTRA

Desinformação é entrave para o controle da doença

A desinformação, envolvendo muitos mitos e fake news (notícias falsas), é a principal barreira para o controle do câncer do colo do útero no Brasil, segundo estudo divulgado ontem pela Fundação do Câncer, dentro da campanha da União Internacional para o Controle do Câncer (UICC) alusiva ao Dia Mundial do Câncer. A pesquisa inédita Conhecimento e Práticas da População sobre Prevenção do Câncer do Colo do Útero tomou por base estudos publicados entre 2003 e 2020 na literatura científica nacional e internacional. O objetivo foi identificar as barreiras e as lacunas existentes sobre a vacinação contra o vírus HPV (sigla em inglês para Papilomavírus humano) e o rastreamento para o câncer do colo do útero, responsável pela morte de mais de 6 mil mulheres por ano no Brasil. A Organização Mundial da Saúde (OMS) quer atingir, até 2030, metas que visem erradicar o câncer de colo do útero, causa de morte de mais de 331 mil mulheres por ano, em todo o mundo. O médico epidemiologista Alfredo Scaff, consultor da Fundação do Câncer, disse que o câncer do colo do útero

é evitável porque as pessoas já dispõem de uma vacina contra o vírus HPV, que causa a doença. O levantamento vem contribuir, segundo ele, para diminuir os buracos existentes entre os cuidados disponíveis para o controle desse câncer no mundo e no Brasil, devido à constatação de um distanciamento muito grande entre o acesso e a oportunidade do tratamento da doença entre pessoas, dependendo da região onde moram, se têm ou não plano de saúde ou acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS). “Esse câncer é uma das maiores iniquidades que nós temos na oncologia hoje. É no mundo inteiro mas, no Brasil, isso é muito evidente. O câncer do colo do útero é o primeiro câncer que tem uma vacina”, disse Scaff, que acrescentou que 99% dos cânceres do colo do útero são causados pelo vírus chamado HPV, que tem uma vacina. “Tem que vacinar”. Scaff estima que, em uma geração, pode-se controlar esse tipo de câncer. Ele reconheceu, entretanto, que existem problemas para se alcançar uma imunização completa da população-alvo, que são meninas entre 9 e 14 anos e meninos de 11 a 14 anos.

Maioria ainda ignora para que serve a vacina

A médica Flávia Miranda Corrêa, doutora em saúde coletiva, pesquisadora da Fundação do Câncer e responsável pela pesquisa, esclareceu que a primeira parte do levantamento, divulgado ontem, se refere ao conhecimento e práticas da população sobre a prevenção do câncer do colo do útero, tendo como público-alvo 7.712 crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos; 3.335 pais e responsáveis entre 18 e 82 anos; e 54.617 mulheres na faixa etária de 14 a 83 anos. A segunda parte, envolvendo o conhecimento e práticas dos profissionais de saúde sobre prevenção e rastreamento, deverá ser liberada no final do próximo mês. Serviram de base à pesquisa 68 estudos, sendo 16 sobre vacinação e 52 sobre rastreamento da doença. Os primeiros resultados em relação às barreiras sobre a vacinação contra o HPV entre crianças e adolescentes mostram que entre 26% e 37% dos consultados não sabiam que a vacina previne contra o câncer do colo do útero; entre 53% e 76% ignoravam que a vacina diminui a incidência de verrugas nos órgãos genitais. Flávia afirmou que isso demonstra que a maioria das crianças

e dos jovens ignora para que serve a vacina. Entre os entrevistados, 82% acharam que a vacina protege contra infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). “Esse é um problema muito importante, porque a gente sabe que não é verdade. A vacina é específica para o HPV e pode dar uma sensação de falsa proteção. Esse desconhecimento tem que ser desconstruído”, apontou a médica. Além disso, entre 36% e 57% das crianças e adolescentes ouvidos acham que a vacina pode ser prejudicial à saúde. Flávia contra-argumentou que a vacina é segura, está no mercado desde 2006 e há um monitoramento constante. A médica considerou que essa ideia apurada é errônea e pode ser um impeditivo muito grande para a vacinação. Entre 35% e 47% acreditam que a vacina pode incentivar a iniciação sexual precoce. “Não é verdade. Inclusive no contexto do Brasil, nós sabemos que não induz a uma atividade sexual mais precoce”. A vacina contra HPV é tomada em duas doses, no intervalo de seis meses, informou a pesquisadora da Fundação do Câncer. As informações são da Agência Brasil.

Maior incidência no Brasil:

• O Inca aponta que, depois do câncer de pele não melanoma (177 mil casos novos), os mais incidentes serão os de mama e de próstata (66 mil cada), cólon e reto (41 mil), pulmão (30 mil) e estômago (21 mil).

• Separados por sexo, os tipos mais frequentes nos homens, excluindo-se o de pele não melanoma, serão próstata (29,2%), cólon e reto (9,1%), pulmão (7,9%), estômago (5,9%) e cavidade oral (5,0%).

• Nas mulheres, também sem contar o não melanoma, os mais incidentes serão os de mama (29,7%), cólon e reto (9,2%), colo do útero (7,4%), pulmão (5,6%) e tireoide (5,4%).